

**Pedaços que faltam\***

(sobre a origem do objeto *a*)

*Angela Cavalcanti Bernardes\*\**

Tem mais presença em mim o que me falta.  
*Manoel de Barros*

A construção do objeto *a* veio demonstrar de forma radical que o discurso analítico não se orienta pela lógica cartesiana ou pelo espaço euclidiano. A psicanálise transmuta o dualismo cartesiano sujeito/objeto. Quando Freud se serve desse dualismo, nunca é para opor objetivo a subjetivo. Pelo contrário, o objeto freudiano por excelência é uma alteridade inapreensível em sua objetividade. Em *O Seminário livro 10: A angústia*, Jacques Lacan contrapõe os termos “objetividade” e objetividade, demarcando, assim, a ordem do objeto *a*. Também é outro o espaço no qual se configura o objeto *a* como algo distinto do sujeito, mas que não lhe é alheio. Espaço que não comporta um dentro e um fora, um lado direito e um lado avesso. O objeto *a* tem uma existência topológica, constituindo um campo que, embora exterior ao sujeito, é o que lhe há de mais íntimo.

---

\* Trabalho apresentado na Primeira Plenária, *Os objetos soletrados no corpo*, das XVIII Jornadas Clínicas da EBP-RJ, presidida Ondina Machado e com a participação de Maria Silvia Hanna e Ram Mandil. Angela Bernardes foi *mais-um* de um dos cartéis que compuseram a Comissão Científica das XVIII, ao lado de Claudia Henschel, Gloria Maron, Manoel Motta, Marcia Zucchi.

\*\* Membro aderente da EBP.

Jacques-Alain Miller, em sua conferência em Roma, na qual apresenta o tema do próximo Congresso da AMP, convida-nos a retomar a quarta parte do seminário *A angústia* para verificar “a estrutura do objeto *a* enraizada no corpo”<sup>1</sup>. Essa proposta de trabalho nos conduz ao nascedouro do conceito lacaniano de objeto *a*, que pode ser considerado como a principal contribuição de Jacques Lacan à psicanálise.

Retornar ao nascedouro do objeto *a* interessa, sobretudo no sentido de nos reorientar para o real visado pela experiência psicanalítica. Mas, como? Procurar não tanto eliminar as inúmeras contradições, dificuldades e ambigüidades que esse texto, por ser um *Work in Progress*, nos oferece, mas sim resgatar a sua novidade *hoje*. Recentemente, escutei Michel Déguy em um Colóquio<sup>2</sup>, em homenagem ao sesquicentenário de *As flores do mal*, do qual retive algo que cito de memória. Dirigindo-se aos leitores de Baudelaire, ele se referia ao “nosso uso” do poeta e propunha “retomar seu desconhecido para encontrar o novo”.

O “nosso uso” do seminário *A angústia* deve, a meu ver, buscar o frescor do qual falava Déguy: escutar essas aulas em sua novidade hoje. Busquei esse espírito ao reler a última parte do *Seminário 10*, e formulo aqui algumas questões.

Nesse seminário, percebemos Lacan no ato de circunscrever, de contornar o real dando-lhe seu lugar; no próprio ato de cavar uma brecha pela via do conceito ali onde “isso” estava.

---

<sup>1</sup> MILLER, J.-A. “AMP 2008 – Os objetos *a* na experiência analítica”, *Opção Lacaniana*, nº 46, outubro 2006, p. 30.

<sup>2</sup> Colóquio “*As flores do mal*”: 150 anos. Fundação Casa de Rui Barbosa em parceria com Programa de P.-G. em Letras Neolatinas da UFRJ e o Programa de P.-G. em Letras da UFF. Rio de Janeiro, setembro de 2007.

No que consiste, em última instância, esse “novo”, esse corte que Lacan pôde operar com o objeto *a*? Qual é o desconhecido de Lacan que move o trabalho desse seminário? O que Lacan buscava cingir quando tomou a via da angústia, situando-a em um nível anterior àquele da castração edipiana? O que ele buscava, ou melhor, o que ele encontrava nos paradoxos da relação do homem ao sexual, que o conduziu a formular a natureza de um objeto separado do corpo, caído, resto irrecuperável, não absorvível na dialética entre sujeito e Outro?

Lacan encontrara o que nós próprios encontramos no cotidiano de nossa experiência: algo da ordem do indizível, embora tão presente nos ditos sob transferência. Presente, em sua ausência, nos efeitos de sujeito que a fala em análise produz. Presente em ato na transferência.

Em certo momento de seu seminário, Lacan joga com a homofonia entre “*a*”, conjugação do verbo *avoir* (ter), tens, tem, para dizer que o objeto *a* é “*ce qu’on n’a plus*”, isso que a gente não tem mais. Ele situa com essa frase o objeto *a* na ordem de algo que se teve. Contudo, o essencial do que ele trata aqui é a articulação entre o ter e o ser, ou seja: entre o objeto que se visa no amor, no desejo, na satisfação pulsional e o objeto em jogo na identificação. Ao conceituar o objeto *a* fora da série dos objetos empíricos, imaginários ou significantes, Lacan nos permite re-significar a dialética freudiana entre o amor e a identificação. A análise visa o objeto *a* como a instância de um vazio que pode ser ocupado, como já dizia Freud com respeito ao objeto da pulsão, por quase qualquer objeto do mundo; esse mesmo vazio que sustenta a identificação que o recobre. A questão é então: como para cada sujeito se *enforma* esse vazio com os significantes de sua relação com seu Outro histórico?

No seminário *A angústia*, esse lugar é delineado por uma subtração no corpo. Lugar de um objeto que não é do campo da imagem e não se reduz ao

significante, mas define a ordem do real que se produz como resto, por uma perda no corpo do ser falante. Trata-se de uma parte do corpo cuja perda é correlata à constituição do sujeito. “Objeto perdido nos diferentes níveis da experiência corporal em que se produz seu corte, é ela que constitui o suporte, o substrato autêntico, de toda e qualquer função da causa”<sup>3</sup>. Na última parte do seu seminário dedicada à elaboração do objeto *a* em suas modalidades oral, anal, fálica, escópica e vocal, Lacan se dedica a explorar esses níveis da experiência corporal. Para usar seus termos, aos diferentes “níveis de funcionamento da pulsão” correspondem as diferentes formas do objeto *a*. Lacan nos previne que isso ainda é uma apresentação grosseira; de fato, temos a impressão de vê-lo deslizando, às vezes, para algo que se assemelha a uma concepção desenvolvimentista de estágios da estruturação do desejo. Assistimos nesse seminário, verdadeiro laboratório de pesquisa que ainda não pode prescindir do apoio material nos objetos imagináveis, à elaboração viva de algo que irá se depurar conceitualmente em seu seminário seguinte.

As diferentes formas do objeto *a* são solidárias entre si. Cada uma delas configura aspectos do objeto *a* e orienta nossa escuta para a singularidade dos modos de gozo. Essa construção desloca de modo fundamental os impasses com o outro imaginário para a consideração da especificidade da realidade sexual atualizada na transferência.

Desde Freud, o objeto da pulsão oral é o exemplo *princeps* da satisfação sexual em oposição ao registro da necessidade. No *Seminário 10*, o objeto oral, primeiro da série, é tomado como paradigma da função de corte entre o sujeito e o Outro. Lacan situa na origem da estruturação do desejo uma “separação”, isto é, uma partição no interior, uma separação interna, pois o seio preenche a qualidade de objeto *a* por se ter separado do corpo da criança

---

<sup>3</sup> LACAN, J. *O seminário, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 237.

e não do corpo da mãe. É interessante observar, com J.-A. Miller<sup>4</sup>, o fato de que se trata de um corte prévio a incidência do Outro, anterior à intervenção de um agente, ou seja, uma perda corporal que não é da ordem da castração edipiana.

Essa função da separação, no nível anal, se expressa pelo caráter cessível do objeto. O que caracteriza a passagem da modalidade oral para a anal é a entrada em jogo da demanda da mãe. A pulsão anal circula em torno do dom, do presente, da oblatividade. Para cada sujeito, isso se coloca de um modo. Um obsessivo está às voltas com o presente de merda que ele pode ser para o outro. Outro sujeito precisa sempre comprar umas merdinhas; perde o controle com o dinheiro, etc. O impossível da relação do obsessivo à demanda do Outro se ordena por essa economia pulsional.

O objeto olhar, por sua vez, é paradigmático do desconhecimento do objeto *a* na imagem. No nível escópico, diz Lacan, o objeto *a*, o olhar, está escondido detrás do *i(a)*, a imagem narcísica. Pois, a função de *i(a)*, isto é, das identificações egóicas, é desconhecer o objeto *a* como tal, revestindo-o imaginariamente. O outro é integrado ao circuito pulsional assinalado por Freud na gramática da pulsão escópica como "se fazer ver".

Voltando ao oral como paradigma do objeto na origem do desejo, Lacan destaca, em *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, que "nenhum alimento jamais satisfará a pulsão oral, senão contornando-se o objeto eternamente faltante"<sup>5</sup>. O objeto da pulsão oral não é o seio em sua possibilidade de nutrir. "Aquilo de que o sujeito foi desmamado

---

<sup>4</sup> MILLER, J.-A. "Introdução à leitura do seminário 10 da Angústia de Jacques Lacan". Em: *Opção Lacaniana*, nº 43. São Paulo: Eolia, maio de 2005.

<sup>5</sup> LACAN, J. *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p. 170.

não é mais nada para ele”<sup>6</sup>, lembra Lacan. O objeto *a* no nível oral é esse nada que o seio tornou-se para ele, mas, eu gostaria de dizer que também, nas outras modalidades do objeto descritas por Lacan, a qualidade de objeto *a* é a de um nada.

Encontrei um texto de Guimarães Rosa no qual lemos: “[...] o nada – que é humano e nos envolve [...]”<sup>7</sup>. Antes de citar o trecho final desse texto, quero expor o que ele me suscitou, tendo em mente a definição de objeto *a* enraizado no corpo. Perguntei-me, lendo o poeta, se seu nada é o da consistência do objeto e entendi que sim, que esse “envolver” de que ele fala, é a própria estrutura de borda do objeto *a*. Não a borda que fornece os limites da imagem do corpo próprio, que se constitui na experiência do espelho, e sim a do corpo erógeno, este, sem o limite da forma, mas com uma borda aonde a função do corte estabelece uma hiância. Um nada, que a análise precisa “fazer aparecer”, como diz outro poeta, Manoel de Barros: “perder o nada é um empobrecimento”.<sup>8</sup>

Para concluir, completo a citação extraída das últimas linhas do texto de Guimarães Rosa. Convém assinalar que o poema chama-se *Escólio*, e, portanto, dá conta da empreitada desse grande escritor, legando-nos uma orientação quanto ao *saber-fazer* com o real do objeto:

[...] temos que construir  
do nada –  
que é humano e nos envolve.  
A gente tem que tirar dele  
algo, pedaço de alto:  
alma, amor, praga ou poema.

---

<sup>6</sup> *Idem*, p. 101.

<sup>7</sup> GUIMARÃES, R. *Ave palavra*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985.

<sup>8</sup> BARROS, M. *Livro sobre nada*. São Paulo: Record, 1996.